



"DANDARAS": A HISTÓRIA DE UM COLETIVO

Janine Corrêa Gomes
Graziela Rinaldi da Rosa

Resumo: Dandara, uma liderança/guerreira negra que lutou pela liberdade e se negou seguir escrava, inspirou um coletivo de mulheres, composto por mulheres negras e brancas, muitas estudantes e algumas de povos tradicionais, como mulheres quilombolas, indígenas, agricultoras familiares, pescadoras, ciganas, mulheres de povos de terreiros, benzedeiras e outras, que lutam pelos direitos das mulheres. Compartimos no grupo temático “Mulheres Negras: resistências, feminismos e espaços sagrados que se (re) visitam”, as vivências desse grupo de mulheres, que juntas, (re) existem, tanto em espaços educativos, quanto em comunidades, estabelecendo diálogos possíveis entre os feminismos, os estudos de gênero, que numa perspectiva latino-americana, motivam mulheres negras, mulheres do campo, das águas, florestas e cidades. Assim, as epistemologias feministas latino-americanas, como Claudia Korol, Djamila Ribeiro, Marcela Lagarde, Luz Maceira Ochoa, Ivone Gebara, Heleieth Saffioti são referências para a educação popular, construída numa perspectiva feminista, e inspiram que possamos construir juntas novos rumos.

Palavras-chave: Mulheres. Educação Popular. Feminismos.

Abstract: Dandara, a black leader / warrior who fought for freedom and refused to be a slave, inspired a women's collective of black and white women, many students and some from traditional peoples such as quilombola women, indigenous women, family farmers, fishermen, gypsies, women of terreiro, benzedeiras and others, who fight for women's rights. Thus, we want to share in the thematic group “Black Women: resistances, feminisms and sacred spaces that are (re) visited”, the experiences of this group of women, which, together, (re) exist, both in educational spaces and in communities, establishing Possible dialogues between feminisms, gender studies, which from a Latin American perspective, motivate black women, women from the countryside, water, forests

and cities. Thus, Latin American feminist epistemologies such as Claudia Korol, Djamila Ribeiro, Marcela Lagarde, Luz Maceira Ochoa, Ivone Gebara, Heleieth Saffioti are references to popular education, built on a feminist perspective, and inspire us to build new directions together.

Keywords: Women. Popular education. Feminisms.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*Filha de Dandara sobrevivi
Por ser guerreira estou aqui
Batalhando no dia a dia
Mostrando que lugar de mulher não é só na cozinha¹*

Dandara, mulher negra, guerreira, do período colonial, que lutou bravamente ao lado de seu marido Zumbi dos Palmares, pela liberdade de seu povo. Mulher de garra que depois de presa preferiu suicidar-se em vez de voltar à condição de escrava. Mulher negra, quilombola que inspira desde o ano de 2015 um coletivo de mulheres estudantes do Curso em Educação do Campo, da Universidade Federal de Rio Grande/Campus São Lourenço do Sul, a lutar pelos seus direitos e utopias. Mulheres estas de todas as etnias e raças, como mulheres brancas e negras, mulheres de diferentes povos tradicionais, como, quilombolas, indígenas, agricultoras, pescadoras, ribeirinhas. Mulheres estudantes, donas de lar, trabalhadoras, que buscam o *bem viver*, a auto-organização, empoderamento e sororidade das mulheres.

Dandaras é o nome de um grupo de mulheres que unidas lutam e (re) existem contra toda a forma de opressão e perseguição. E queremos com esse trabalho apresentar algumas ações que o grupo vem desenvolvendo, e que fortalece de forma significativa os diálogos das mulheres de povos tradicionais da região, além de fazer com que as mulheres se aproximem e conheçam umas as outras, encontrando pautas de debates e demandas em comum.

Nesse sentido, apresentaremos o coletivo, com um espaço de movimento social feminista, dentro de uma Universidade Pública. Além de apresentar o coletivo, e sua história, queremos refletir sobre o tema das violências, que tem aparecido em nossos encontros, bem como contextualizar as práticas que consideramos emancipatórias, e que são realizadas pelo grupo,

¹ Refrão do Rap “Filha de Dandara”, de Preta Rara, disponível no link: <https://www.vagalume.com.br/preta-rara/filha-de-dandara.html>

a partir da concepção da Educação Popular, inspiradas em Freire (1984, 2000); Nadeau (1996); Ochoa (2008) e Korol (2007).

COLETIVO *DANDARAS* EM MOVIMENTO!

O Coletivo Feminista *Dandaras* foi criado a partir da necessidade de se discutir a equidade de gênero, feminismos dentro da universidade, os direitos das mulheres e as leis que as amparam. Trata-se de um coletivo construído com mulheres de diferentes idades, etnias, crenças e culturas. Um espaço plural, onde homo, bi e transexuais, discutem juntas questões relativas às mulheres, como por exemplo, os abusos, as violências, os racismos e preconceitos.

Discutimos através de Djamila Ribeiro² que "ideias racistas devem ser combatidas, e não relativizadas e entendidas como mera opinião, ideologia, imaginário, arte, ponto de vista diferente, divergência teórica. Ideias racistas devem ser reprimidas, e não elogiadas e justificadas" (Ribeiro, 2018, p. 39).

Dandaras é criado³ a partir da necessidade de se discutir diferentes temas, mas também para incentivar os diálogos das mulheres oriundas do campo, mulheres pomeranas, quilombolas, indígenas e agricultoras familiares, estudantes do Curso de Educação do Campo, que ao compartilhar suas histórias de vida, suas angústias e violências, deixam evidente a urgência de discutir e debater principalmente sobre a violência doméstica e os direitos das mulheres e os direitos das mulheres.

Ao retornarem aos bancos escolares, a universidade, ao curso de Educação do Campo, estas mulheres passam a falar das dificuldades e denunciam as violências e a não aceitação de seus companheiros, maridos, namorados e demais familiares por estudarem e de trabalharem fora ou até mesmo em casa.

² RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro**. Companhia das letras. 2018, p. 39.

³ O coletivo foi idealizado e organizado pela professora Dra. Graziela Rinaldi da Rosa, que na ocasião ingressava na Universidade Federal do Rio Grande/FURG, como professora adjunta/Instituto de Educação. Janine Gomes, autora desse texto, foi a primeira estudante a atuar e protagonizar.

A sabedoria humana parece entrar em conflito de poderes entre os sexos e então se torna competição, violência, negação da vida e de seu próprio significado. É exatamente isto que uma análise de gênero nos revela, a saber, o poder sobre o saber ou o poder sobre a sabedoria reconhecida é um poder e um privilégio masculino. As mulheres são intrusas, usurpadoras de alguma coisa que não lhes pertence. Elas fazem mal desejando o saber e como resposta a este mal, tentam-se restaurar a harmonia social em forma de castigo, de silêncio, de tortura ou de morte. Mantem-se os papéis sociais reconhecidos por um tipo de organização social.⁴

O coletivo visa incentivar e promover ações entre as mulheres. Atividades que recebem os homens, para que juntos possam ter um entendimento sobre a equidade de gênero, visando sempre garantir os direitos da mulher, pois segundo Adichie⁵, "a questão de gênero, como está estabelecida hoje em dia, é uma grande injustiça".

Para que as mulheres tenham um entendimento sobre os altos índices de violências contra as mulheres, seus silenciamentos e opressões, lutando por melhorias em suas vidas. O coletivo passa a promover campanhas socioeducativas, na comunidade acadêmica e comunidade lourenciana, com folders, rodas de diálogos, cine-debates, encontros de estudo, intervenções e oficinas das diferentes técnicas, buscando sempre promover ações e intervenções pelos direitos das mulheres, a autonomia, ao direito de fala e a integridade de seus corpos, através da proteção e luta contra as violências domésticas, estupro, assédios, educação, saúde, direitos trabalhistas e a toda e qualquer outra forma de discriminação e preconceito.

O Coletivo *Dandaras* visa incentivar e provocar reflexões acerca da desigualdade entre mulheres e homens, das violências nas quais as mulheres atualmente passam e seus direitos. É um espaço e um grupo que debate a importância das mulheres na sociedade, na universidade, ou em qualquer outro meio, contribuindo com para com seu senso crítico, autonomia e suas histórias de vidas.

Acreditamos que através de nossas ações conseguimos mudar este sistema patriarcal, na medida em que reivindicamos nossos direitos, pois

⁴ GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio**: Uma fenomenologia feminista do mal. Editora Vozes. Petrópolis: 2000, p. 81.

⁵ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução Christina Baum. - 1º ed. - São Paulo: Companhia das Letras. 2015. p. 24.

acreditamos, assim como Freire, que “não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão⁶”. Somos um grupo feminista, assim como Adichie⁷, que "acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos".

DENUNCIANDO AS VIOLÊNCIAS

Devido aos altos índices de violências contra as mulheres no Brasil por consequência, entre outras coisas, do machismo, da misoginia e do patriarcado⁸, vivenciamos cenas de ciúmes, menosprezo, feminicídio, discriminação, torturas, desigualdades decorrentes ao fato de sermos mulheres, bem como a negação de direitos e vontades, entre outras. Mulheres são assassinadas e violentadas todos os dias. Grande parte destas violências são cometidas e praticadas no âmbito privado e familiar, realizadas pelos seus companheiros, maridos e namorados. Blasi⁹ ressalta de que "a violência contra mulheres e crianças faz parte do modo de pensar patriarcal que coloca o homem como ser superior, e mulheres e crianças como seres inferiores e a serviço do homem".

No município de São Lourenço do Sul, onde o coletivo se insere, acompanhamos casos de agressão física e verbal, violência doméstica e psicológica, violência patrimonial e temos casos de feminicídio. A violência, o sofrimento e muitas vezes o silêncio, a invisibilidade e a falta de ajuda do setor público e policial agrava tais situações, levando à morte de mulheres, causando medo de tal forma que muitas destas mulheres, oprimidas, deixam de trabalhar e de cuidar de si mesmas. Blasi¹⁰, ressalta que estas violências "rouba das mulheres o direito de viver sem medo e as impede de desenvolver seus potenciais nas diferentes áreas". A falta de uma delegacia especializada para

⁶ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 1984, p. 45.

⁷ ADICHIE, 2015, p.49.

⁸ Para saber mais sobre patriarcado, ler: SAFFIOTI (2001); (2013).

⁹ BLASI, Marcia. Violência doméstica contra mulheres. p. 15. In: **Nem tão doce lar**: Uma vida sem violências - direito de mulheres e homens. (org) Marilu Nornberg Menezes. São Leopoldo/Porto Alegre/Genebra: Sinodal/FLD/IECLB/LWF2012, p. 15.

¹⁰ BLASI, 2012, p.15.

acolher e acompanhar os casos contribuem para o silenciamento das mulheres e a permanência da violência.

Diante de tantas violências e opressões, a participação das mulheres em movimentos sociais vem ganhando força em todo o mundo em prol do bem-estar da mulher, da luta e reivindicação pelo fim do machismo, patriarcalismo, das violências, e do feminicídio. Na luta pelos direitos iguais, trabalho digno e bem remunerado, acesso à educação de qualidade, a saúde, liberdade de expressão, equidade e acima de tudo, respeito às mulheres, aprendemos a não sermos mais submissas. Somos mulheres que lutam pelos seus direitos e afirmam ideias, vontades, desejos e sonhos de *nosotras*¹¹.

DANDARAS E SUAS PRÁTICAS EMANCIPATÓRIAS FEMINISTAS

Nós mulheres temos a capacidade de nos emanciparmos, ser e se tornar livres e independentes. A partir da obra *Pedagogia do oprimido*, Freire¹², nós ensina que a educação “só faz sentido se os oprimidos buscarem a reconstrução de sua humanidade e realizarem a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e os opressores”. Sendo assim, a partir da universidade, do coletivo *Dandaras* e das práticas realizadas, somos mulheres em movimento! Endossamos as lutas emancipatórias e libertadoras, para empoderar e unir as acadêmicas do Campus FURG/São Lourenço e mulheres da comunidade Lourenciana.

Atividades em forma de rodas de diálogos, intervenções, cine-debates e oficinas de diferentes técnicas, como, Stencil, bordado feminista, reciclagem de latas e garrafas e confecção de bonecas negras são realizadas como metodologias participativas¹³. As ações têm promovido o entendimento das integrantes e voluntárias do coletivo, na medida em que compartilham saberes

¹¹ Utilizamos a palavra em espanhol para explicitar que somos mulheres da América Latina, e pensamos, escrevemos e nos movimentamos junto com outras mulheres desse mesmo território. Assim, falamos em *nosotras* para delimitar um campo do saber- as epistemologias da América Latina, repleta de saberes de mulheres de povos tradicionais, as guardiãs das sementes. Mulheres da cadeia produtiva da pesca, as quilombolas, indígenas, pomeranas...mulheres essas que compõem o *Coletivo Feminista Dandaras*.

¹² FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 30.

¹³ As oficinas são ministradas por estudantes do Curso de Educação do Campo.

e vivências com outras mulheres, proporcionando momentos de reflexões de suas realidades, suas vidas e de si próprias.

A partir dessas práticas, a reflexão de Freire, nos ajuda a pensar ainda, que:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa - crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.¹⁴

Contribuímos e compartilhamos saberes para que as participantes falem suas demandas e denunciem suas realidades. Adichie¹⁵ reforça que a mulher deve "falar, para se manifestar, para gritar sempre que sentir incomodada com alguma coisa". A partir do desenvolvimento das ações, como as oficinas e as rodas de diálogos, as participantes passam a falar, compartilhar e debater, entre outros assuntos, a não aceitação de seus familiares por terem se inserido na universidade ou na área de trabalho. Compartilham as dificuldades e humilhações que passam em casa, a partir dessa não aceitação, e denunciam maus tratos pelos seus maridos e companheiros. Dialogam e debatem assuntos como violências doméstica, o feminicídio, o comportamento inadequado e agressivo dos homens, abuso e assédio sexual, as leis trabalhistas, direito, educação, saúde de qualidade, os preconceitos, o racismo, suas triplas ou quádruplas jornadas de trabalhos, as desigualdades de gênero...

As ações e práticas educativas escolares e comunitárias nas quais o coletivo vem desenvolvendo são realizadas em diferentes espaços, como universidades, escolas, eventos da cidade, instituições públicas e privadas, eventos científicos e não científicos. Tais ações fortalecem a *sororidade*¹⁶, não somente das participantes, como nas ministrantes das oficinas e ações, as

¹⁴ FREIRE,2000, p. 46.

¹⁵ Adichie, 2017, p. 50.

¹⁶ Para saber mais, ver: LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. **Pacto entre mujeres sororidad**. Aportes para el Debate: México. 2006, p. 123-135. Disponível em: <https://www.asociacionag.org.ar/pdfaportes/25/09.pdf>

integrantes e voluntárias do coletivo. Costa¹⁷ reforça ainda que o empoderamento é um "mecanismo pelo qual as pessoas, organizações, comunidades, tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino, tomam consciência da sua habilidade e competência para produzir, criar e gerir".

Durante as oficinas se usa diversas técnicas, pois acreditamos que através da arte, "integram-se o campo dos saberes e das práticas com o dos afetos, essencial a uma relação de amor com o cuidado, a espiritualidade, cura para a depressão, a tristeza, a mágoa, a raiva e a solidão, a reverência diante da vida¹⁸".

Percebemos que é através das oficinas que as participantes se manifestam mais e se sentem confiantes para dialogar, compartilhar e expor suas angustias e aflições. Através da arte elas expressam seus problemas e ao mesmo tempo compartilham saberes e fazeres, para que assim juntas possamos buscar formas de auto-cuidado.



IMAGEM I: Roda de diálogos e oficina de Stencil, realizados na Semana Acadêmica, no Campus FURG/Santa Vitoria do Palmar em 2016. Acervo do Coletivo Feminista *Dandaras-FURG/SLS*

¹⁷ COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. 2008. Disponível em: http://www.adolescencia.org.br/empower/website/2008/imagens/textos_pdf/Empoderamento.pdf. Acesso em 20 de set. 2008. p.07.

¹⁸ MEIRA, Oficinas de criação: **Um espaço quântico**. In: Ormezzano, G. (org). *Questões de arte-terapia*. Passo Fundo: Editora UPF, 2003, p.



IMAGEM II: Ação realizada em março de 2017, “08 de março, Mulheres de São Lourenço do Sul em luta”. Roda de diálogos “**Debate a Luta e (Re) Existência das mulheres negras**” e intervenção com distribuição de cartilhas e folders. Acervo do Coletivo Feminista *Dandaras-FURG/SLS*.



IMAGEM III: Ação realizada em março de 2018 com grupo de mulheres no CAPS de São Lourenço do Sul. Roda de diálogos e Oficina de Reciclagem de garrafas. Acervo do Coletivo Feminista *Dandaras-FURG/SLS*



IMAGEM IV: Oficina de Reciclagem de garrafas e Stencil, realizadas em 19 de junho deste ano, no IV *Seminário das Mulheres do Campo, das Águas, Florestas e Cidades*. Acervo do Coletivo Feminista *Dandaras-FURG/SLS*.

Acreditamos que as ações contribuem principalmente para o senso crítico das ministrantes e participantes, promovendo sempre o diálogo com a comunidade Lourenciana e comunidades acadêmicas da região. As oficinas motivam as participantes a se reconhecerem como detentoras de seus saberes, de seus corpos, de suas vidas, através da “Arte do Stencil, do

“Bordado Feminista”, da “Oficina de Reciclagem” e de “Confecção de Bonecas Negras.

Através das Oficinas, contribuimos e trabalhamos o senso crítico, promovendo a interação e o diálogo com as participantes, e fortalecendo a auto-organização dos grupos de mulheres. A arte contribui no fortalecimento destas mulheres. Algumas passam a criar novas atividades de renda. Através da arte e do artesanato as mulheres elas se identificam e passam a também se auto-reconhecer como pertencentes de uma cultura, um território. Acreditamos assim como Becker¹⁹ de que a arte e “o artesanato na sociedade atual a partir de diferentes pontos de vista pode ser importante para a história das mulheres”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É pela memória que libertamos a palavra, que deixamos os mortos falar, que revivemos sofrimentos para denunciar o que nos impede de viver com dignidade.²⁰

As mulheres sempre se auto organizaram. Desde os primórdios, quando os homens não permitiam que estudassem, trabalhassem e ocupassem espaços públicos. Fomos nos reunindo de maneira informal, e aprendemos umas com as outras.

Nossos saberes são passados de geração em geração, e nos diálogos intrafamiliares fortalecemos nossas culturas, e contamos e recontamos nossas histórias de vidas, e de nossas antepassadas. E assim, não permitimos que a cultura de nossos povos, e os protagonismos das mulheres sejam esquecidas.

No entanto, sabemos que temos muito que se fazer, e por isso nos organizamos na Universidade em forma de coletivo desde 2015. Assim, temos nos desafiado em ler, pesquisar, investigar e dialogar com as mulheres de povos tradicionais, especialmente porque na cidade que o campus da Universidade se inseriu temos uma diversidade significativa de povos

¹⁹ BECKER, Márcia Regina. **A gestão dos processos no artesanato por meio da formação de mulheres artesãs**. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em Educação Unisinos, Mestrado, 2014, p.70.

²⁰ GEBARA, 2000, p.48.

tradicionais (Pescadores/as, quilombolas, pomeranos/as, benzedeiros/as, agricultores/as familiares, ciganos/as, pecuarista, mulheres de povos de terreiro, entre outros/as).

O coletivo Feminista *Dandaras* procura fortalecer cada vez mais as mulheres, promovendo também ações que sirvam para melhorar a qualidade de vida e envolver as mulheres acadêmicas do Campus São Lourenço, cidade e interior para um entendimento e empoderamento feminino, unindo, mobilizando, compartilhando e orientando-as sobre seus direitos enquanto mulheres, a partir das práticas realizadas como: as oficinas de diferentes técnicas, rodas de diálogos, intervenções, cine-debates e eventos.

Sendo assim, continuaremos através do Coletivo Feminista *Dandaras*, incentivando e contribuindo com os movimentos reivindicativos e lutando pelos direitos das mulheres e pelo fim das violências domésticas e o feminicídio, porque “enquanto parte desfavorecida da sociedade, a mulher tem que ser defendida numa luta que só terminara quando o seu estatuto social e político for considerado equivalente ao do homem”²¹.

Continuaremos potencializando e criando oportunidades as vozes das mulheres, através de ações sócio-educativas, culturais, artísticas, de produção de conhecimentos e principalmente, compartilhamento de saberes acadêmicos e populares. Enquanto mulheres precisamos perceber e entender a nossa importância e relevância social, procurando sempre conhecer os nossos direitos, “seguimos em luta no cotidiano ordinário, onde o dia a dia das mulheres é tramada e invisibilidade²², *porque juntas somos cada vez mais fortes*.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução Christina Baum. - 1º ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. Tradução Denise Bottmann. - 1º ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

²¹ AMARAL, MACEDO, Ana Luísa, MACEDO, Ana Gabriela. **Dicionário da Crítica Feminista**. Edições: Afrontamento, 2005, p. 76.

²² GEBARA, 2008.

- AMARAL, Ana Luísa, MACEDO, Ana Gabriela. **Dicionário da Crítica Feminista**. Edições: Afrontamento, 2005.
- BECKER, Márcia Regina. **A gestão dos processos no artesanato por meio da formação de mulheres artesãs**. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em Educação Unisinos, Mestrado, 2014.
- COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. 2008. Disponível em: http://www.adolescencia.org.br/empower/website/2008/imagens/textos_pdf/Em_poderamento.pdf. Acesso em 20 de set. 2019.
- ESCOLA, Brasil. **Feminicídio**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/feminicidio.htm>. Acesso em 10 de set. 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 1984.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 165 p.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. Ed Paz e Terra, Rio de Janeiro. 34ª Edição. 2000.
- GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal**. Editora Vozes. Petrópolis: 2000.
- LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. **Pacto entre mujeres sororidad**. Aportes para el Debate: México. 2006, p. 123-135. Disponível em: < <https://www.asociacionag.org.ar/pdfaportes/25/09.pdf> >. Acesso, setembro, 2019.
- NADEAU, Denise. Educación Popular Feminista: Creando una nueva teoría y práctica. **Palabra de mujer**: Aquelarre. Summer/Fall, 1996, p. 33-35.
- OCHOA, Luz Maceira. El sueño y la práctica de sí. **Pedagogía Feminista: una propuesta**. México: El Colégio de México, Centro de Estudios Sociológicos, Programa Interdisciplinario de Estudios de la Mujer, 2008.
- KOROL, Claudia (orgª). Hacia una pedagogia feminista. Géneros y educación popular. **Cuadernos de Educación Popular**. Editorial El Colectivo/América Libre: Buenos Aires, 2007.
- MEIRA, Mirela. Oficinas de criação: Um espaço quântico. In: Ormezzano, G. (org). **Questões de arte-terapia**. Passo Fundo: Editora UPF, 2003.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro**. Companhia das letras. 2018